



O Galato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 23 de Setembro de 1978 * Ano XXXV — N.º 901 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CALVÁRIO

As reservas dos emigrantes andam na ordem do dia. Por via delas quanto se não tem escrito e falado, suspirado e agradecido. Mas dos projectos de aplicação das mesmas nada ou quase nada se afirma.

Ora, o emigrante, ao sair a fronteira, normalmente não leva todos os familiares. Quando muito acompanham-no aqueles que o poderão ajudar económica e afectivamente. Os idosos, os doentes, os incapacitados não vão. Esses ficam. E ficam às vezes em situações bem dramáticas.

Conhecemos às dezenas situações angustiantes de famílias, que viram partir os seus, para ficarem entregues ao abandono, ou ao cuidado de parentes e vizinhos afastados, que em breve se cansaram do encargo.

As reservas dos emigrantes não deveriam, pois, em boa justiça ser conduzidas para algo que atenuasse ou até em muitas circunstâncias resolvesse o problema dos que, por incapa-

cidade, são coagidos a ficar? Um debruçar sério e actuante sobre este problema conduziria, certamente, a realizações concretas.

Estive há dias numa aldeia e dei com uma velhinha de 85 anos com lenha às costas. «É para me aquecer no Inverno» — dizia a Pobre, olhando o caminho pedregoso que pisava. «Os meus estão todos lá fora» — acrescentava. «O que vai ser de mim quando cair de cama...!»

Ora este temor não devia existir. Mas existe e no peito de muitos.

Quem se lembra de canalizar as famosas reservas para, ao menos, tornar mais suave a vida de tantos que não puderam acompanhar os seus além-fronteiras? A mania generalizada das grandezas é naturalmente contrária a soluções hoje ditas pontuais. Daí que os problemas aflitivos dos Pobres — falo sobretudo dos incapacitados — sejam coisa

de pouca monta para quem tem de encarar as grandes soluções nacionais. E assim procuram-se grandes soluções, mas os Pobres não vêem mais as suas resolvidas. Esta carta que hoje chegou, ilustra o que afirmo:

«Este Serviço Social tendo conhecimento de que a vossa Casa é a única no País que poderá resolver o internamento do Juventino, vem apresentar o pedido de internamento. O rapaz em questão não fala. Não anda. É mongólico. Vive só com a mãe muito doente e já idosa.»

Não pode ser. O Calvário não pode continuar a ser «a única solução».

Acabe-se com a inflação de palavras e promessas. Não sei qual a taxa em que aquela se situa hoje mas não é certamente das menos elevadas no globo. Criem-se condições de vida, mesmo para aqueles que sendo pesos mortos, são seres humanos como os demais.

E não tenho dúvidas de que o afluxo de reservas aumentaria se as condições sociais dos que viram partir parentes emigrantes melhorassem substancialmente.

Padre Baptista

NOTAS DA QUINZENA

Chegados quase ao novo ano lectivo, temos pela frente a arrumação de casos e a colocação de cada rapaz no seu lugar. O lugar que cada um escolhe e o lugar que deve ser escolhido por cada um!

Tão difícil a cada um ocupar bem o seu lugar... Agora mesmo o Félix é acusado, por três dos seus colegas, de estar mais uma vez fora do seu lugar. Por má educação, negou água a pessoas de fora; e ainda não satisfeito bateu nos colegas que o repreenderam. Quando o Félix, para as pessoas que nos visitam, até costuma ser super-educado — que em termos nossos se pode traduzir por gostar de «meter chona»! Nem se perguntou a ele ou aos colegas, se merecia castigo e que castigo. As técnicas da nossa fraca psicologia moderna, nem sempre podem funcionar. Uma das nossas fraquezas!...

Outra: dois irmãos bem pequeninos chegaram de novo. Depois de alguns dias à boa-vida, chamei-os e levei-os junto do chefe da lenha para entrarem ao serviço. A reacção inesperada foi de desespero: começaram os dois a chorar a sério. Deixei-os..., mas soube hoje que um pequeno contestador de idade igual à daqueles, protestou violentamente e em tribunal, por a lei da obrigação do trabalho ter sido mais elástica para aqueles. A justiça comum pende sempre para o lado da igualdade. Quando a injustiça se projecta na indiferença, a pobreza é maior, a sensibilidade morre e tudo o que é espiritual, também.

A lição que nos vem dos mais pequenos está à vista. E com eles aprendemos a viver mais...

Padre Moura

AGORA

Depois das duas últimas saídas deste título, com casos S. O. S. que representam tantos e tantos outros idênticos problemas agudos de habitação, as respostas dos Leitores, momentaneamente mobilizados, voltaram a afrouxar.

As contas que hoje aqui presto nesta costumada saída estival da Procissão, englobam, pois, aquelas entradas mais volumosas que então nos permitiram por correio em dia com os Auto-construtores em expectativa da vossa fraternal ajuda e o fiozinho que nunca secou (louvado seja Deus!), mas que voltou a ser fiozinho cujo caudal não nos permite corresponder aos pedidos que surgem. E aí está de novo a

subir o monte de cartas em vias de atendimento. Esperamos pelas vossas para deitar abaixo aquelas. E nada de confusões!: o que agora relatamos mais pormenorizadamente, já foi genericamente noticiado; e logo seguiu o seu destino. Que estas notícias sejam estimulante. E que o Outono e Inverno, com seus frios e temporais, nos tragam torrente capaz de abrigar deles tantas famílias que lutam conajosamente por tão sadio e digno fim.

Começamos por esta carta:

«Amigos:

Depois de ter lido o «Agora» em O GALATO de 15 deste mês,

Cont. na 4.ª pág.



As nossas vacas são indispensáveis — um bem precioso. Alguns dos nossos Rapazes só aqui saborearam uma malga de leite!...

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MUSICAIS

— Últimamente chegaram algumas cartas:

Praia do Ribatejo, 20.000\$ de um senhor padre e estas palavras: «Gostaria que vocês tivessem um bom Conjunto musical. Felicidade e boa música...». Da Régua, 250\$. South Africa, 300\$. Assinante 13519, 100\$. S. Mamede marca presença com 200\$. Oeiras, 200\$. Estarreja, 300\$. Assinante 28549, 50\$. Vila do Conde, 50\$. Assinante 32196, 50\$. Assinante n.º 23581, 100\$. E, finalmente, de Lisboa, 2.000\$ e estas palavras:

«Como adoro música, não posso ficar insensível ao vosso apelo, embora de música não conheça uma única nota. Por isso, aqui estou a contribuir com uma migalhinha para a compra dos instrumentos musicais com que desejais formar a vossa orquestra. Oxalá os donativos vão aumentando para que ela se complete dentro em breve, como deve ser, sem dúvida, o vosso desejo e também o meu.

Faço votos para que daí surjam, um dia, grandes maestros. É dessa massa que se fazem...

Com muitos abraços para todos vós, se despede a amiga...

Nós dizemos o mesmo. Oxalá os donativos vão aumentando a fim de adquirirmos os aparelhos que faltam o mais depressa possível.

Agora, esses aparelhos musicais, de dia para dia, estão cada vez mais caros. Por isso mesmo é que vamos fazer os possíveis para sermos rápidos na compra do restante material.

Há dias fomos participar num Festival Amador da Canção Portuguesa, em Cete, no qual conseguimos os 2.º, 3.º, 4.º e 6.º lugares, respectivamente. Foi um bom começo para quem ainda se quer lançar mais para a frente. Em oito canções concorrentes alcançamos esta classificação. Já é muito bom!

Queríamos pedir uma ajuda, principalmente da camada mais jovem, a fim de que, e dentro das vossas possibilidades, nos enviem textos de canções que sejam bastante conhecidas, para ver se conseguimos ir tocando algo. Certo?

Vai a notícia de que também já adquirimos a viola baixo.

Um obrigado a todos os que nos têm ajudado com os seus donativos.

SR. PEDRO — Há dias abeirou-se de mim o sr. Pedro que está numa das casitas do Património dos Pobres. Dirigiu-se-me muito contente.

— Olhe, vocemessê quer saber uma coisa?

— Diga lá, sr. Pedro.

— Agora já tenho Missa e Terço em casa todos os dias!

— Como?! Então o sr. Pedro não

costuma ir à Missa e ao Terço à nossa Capela?

— Vou, sim senhor, mas agora, quando estiver tempo frio ou chuva, eu já posso ficar em casa porque já lá tenho um rádio que o sr. Ave-lino trouxe do Porto, de mando da sr.ª D. Virgínia, para eu ouvir o Terço e a Missa.

— Mas o sr. Pedro não tem luz eléctrica em casa, como é que vai resolver o problema?

— Não é preciso. Aquilo tem lá dentro uma caixinha para se porem pilhas e ele toca sózinho. Não precisa do fio, não.

Olha lá, aquilo costuma dar horas?

— Dá sim, sr. Pedro, mas só de hora a hora.

— Estou muito contente. Agora já posso estar em casa deitado ou a regar o meu jardim e a ouvir música!

Qual não seria o contentamento do sr. Pedro mal viu o rádio!

No primeiro dia lá estava o rádio aceso com excesso de som. Estava no máximo, talvez para comunicar aos vizinhos que pelo menos tem algo seu e algo de muito gosto.

SERVIÇO MILITAR — Foram chamados a cumprir o serviço militar, o Miguel, José António, Mári-nho e Jaime.

Oxalá tudo lhes corra bem. Boa sorte.

IPRAIAS — Os nossos mais pequenitos insistiram comigo e tomaram as devidas providências.

Sabem que foi para eles que se pediram os baldes e as pás para que pudessem divertir-se na praia.

Eu agradei através do nosso jornal a dívida da Escola Primária de Vila Boa do Bispo (Marco de Canaveses). Os mais novos segredaram-me que na praia tinham tirado umas fotos com os baldes e que era bom pôr uma no jornal.

Aqui a ideia genial. Eu disse-lhes que me encarregaria da gravura. Ai vai ela.

No turno que decorreu só os mais novos é que brincaram com baldes, porque os mais velhos agarraram-se às bolas.

«Marcelino»



Eles e os baldes

EXPOSIÇÃO de PINTURA e ESCULTURA

Ao falarmos em Exposição, decerto que falamos de Luís Mendes.

Ao longo do tempo, vem-se credenciando como um jovem em busca de um ideal; ideal esse que ele encontra quando pinta ou quando trabalha o cimento, o gesso ou a madeira.

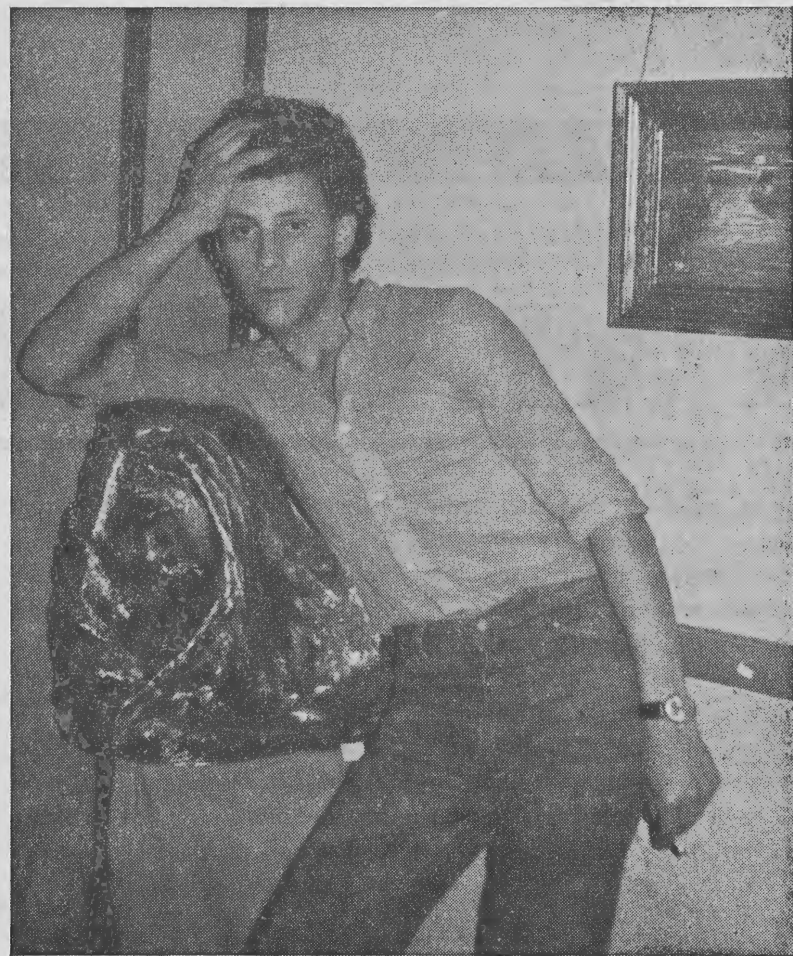
Com os seus 17 anos, conta no activo três Exposições individuais: na primeira, mostrou-se um jovem que queria singrar como pintor; na segunda, mais operacional que a anterior, ficou-nos na mente, como que uma chamada de atenção, em que Luís Mendes parecia «dizer»: — Podem contar comigo! Na terceira, mostra-se um Luís Mendes no seu lugar de «caminhante» em busca da perfeição.

Fugindo ao clássico impressionismo observador, ele entra no chamado impressionismo criativo; as suas obras são fruto duma imaginação fértil em ideias novas e diferentes. Se me permitem, cognominá-lo-ei de «O Africano», pois grande parte dos seus quadros são como que um alerta para uma África que talvez não exista, mas que Luís Mendes gostaria de ver, não na tela mas na realidade — e eu acho que nós também teremos que encarar esse ideal.

Nas suas paisagens africanas, mostra-nos a faceta do seu poder criativo. Merecem também destaque «A barca que eu quero», «Amoitecer no lago» e «Quando Ele estava na cruz».

As suas poucas esculturas, e é pena que isso tenha sucedido, são bastante prometedoras: a alegria e o encanto que nos transmite uma mãe quando da posse de um fruto que é seu, são-nos dados a conhecer através de «A mãe e o rebento»; «O aristocrata», obra em cimento de que todos os que estiveram no passado dia 6 de Agosto no salão de festas da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa não esquecerão facilmente.

O Luís Mendes é um artista na forja. Pode singrar. Tem qualidades, tem vontade e tem, também, um



Luís Mendes junto a uma das suas esculturas

poder original de criar valores à sua maneira, independentes de qualquer ideologia ou sectarismo.

É jovem: «de pequenino é que se torce o pepino».

Morgado

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CHORAR COM OS QUE CHORAM — O vicentino não é portador de receitas milagrosas. Mas, em seu coração, de frágil cristão, sente o desejo de partilhar a transformação do mundo — consoante a Mensagem de Jesus. Que não seja mais, chorar com os que choram. E já não é pouco.

Ainda hoje, nos fins do século XX, medem-se as carências só pelo Miserável! Erro em que, muitas vezes, se tropeça.

Segundo Pai Américo, a «pobreza branca» é talvez mais dolorosa do que a mão-estendida.

«Penso que os cristãos, se acreditarem no Espírito Santo — e espero que tal aconteça, afirma J. Vanier — e se o Espírito vem a nós para nos dar uma nova força, deverão estar junto das pessoas com maiores dificuldades.»

«Estar junto» ou dar a mão, em linguagem cristã significa a mesma coisa. E nunca, como hoje, nesta humanidade massificada, o homem precisa mais do Outro, sem convencionalismos. Porque muitos, atendendo à sua condição, vivem uma terrível solidão em suas próprias comunidades. E o mundo passa indiferente à sua porta.

— Então V. está melhor?

Aí vem uma história comprida, que ouvimos pacientemente com todas as repetições.

— O caso está em Tribunal e nas mãos da Companhia de Seguros. Já gastei o que tinha... E nunca mais serei o mesmo homem que era...!

Lá isso não!

O nosso tesoureiro toma conta do caso. E bem. «Nunca ninguém soube q'a gente o tem ajudado. Tem de ser assim...»

Hoje, encontramos, novamente, o nosso homem, descansando à sombra, na soleira da moradia, que o sol queimava.

— Vou andando melhor, graças a Deus. Mas ainda tenho muito que coçar...!

Já sem ligaduras, continua de ar triste. Subtraíram-lhe, injustamente, as forças do seu ganha-pão!

Ouvimos. Chorámos com ele, mais uma vez.

Um pouco acima, voltámos a chorar com uma doente, cuja pensão de reforma se arrasta incompreensivelmente nas repartições, como se a norma fosse esperar que o beneficiário morra para receber a pensão na Eternidade.

Que pena não haver Homens, em nosso País, que sacudam a inépcia, a empatorracia regulamentada — e resolvam estes problemas sem delongas!

— Parece impossível aquela gente não saber que tive de contrair um empréstimo para pedir a minha reforma!

Nos últimos anos temos andado em bolandas, de Caixa para Caixa (numa delas, façamos justiça, houve, até, quem procurou seguir o espírito que não a letra do regulamento),



papéis e mais papéis, cartas e mais cartas, para esta *beneficiária* (que nome, santo Deus!) vir a receber aquilo a que, por lei, tem direito.

PARTILHA — Belazaima: «Festejando mais um aniversário do meu filho, vai esta pequena lembrança», pedindo orações por um casal.

«Cheque de 500\$00 «para alguém que necessita duma ajuda para construir a sua casa», provenientes de Lisboa.

«Coimbra, cinco mil deles, «por alma de Helena e João».

«Estarreja, 100\$00. «Para as necessidades que há — afirma a assinante 2254 — bem sei que é muito pouco, mas dado de muito boa vontade e com o pensamento na alma dos meus entes queridos que já partiram». Aqui está o valor.

A. F. do Porto aparece de vez em quando; agora, pessoalmente, com 210\$00 «por alma de meu Pai e do Santo Padre Paulo VI».

«Como devo ir este mês de férias — afirmam de Queluz — não quero esquecer os Pobres e, pelo correio, vai um vale de mil escudos».

Porto com 200\$00 «migalhinha relativa ao mês de Agosto», pela mão de «uma portuense qualquer».

Outro vale do correio, agora de 500\$00, proveniente de Santarém.

No Espelho da Moda: 50\$00 num discreto sobrescrito, 100\$00 «para dois Pobres necessitados» e 100\$00 «por alma de Albertina».

Finalmente, 500\$00 «por ter tido a alegria dum aumento no meu vencimento mensal, que já não esperava», da assinante 31399, de Coimbra.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

Tocou a sineta. Soou o sinal que leva cada um a ocupar o seu lugar nas horas de trabalho, depois de termos descansado três quartos d'hora a seguir ao almoço. Está uma tarde de Setembro, de que muitos beneficiam se estão à beira-mar ou se, porventura, se encontram no campo, dormindo uma boa sesta, tirando, assim, proveito de uns merecidos dias de descanso.

Está uma tarde de Setembro em que o sol brilhante irradia luz e calor em excesso (para quem trabalha) provocando em nós certa frouxidão e faz-nos suar mais do que o normal durante as nossas horas de labor que se tornam, assim, mais difíceis de suportar e mais longas.

Estou a ouvir o barulho produzido pelas máquinas em movimento nas nossas oficinas e o som de vigorosas marteladas no ferro e vozes.

Se me levantar e sair do local onde me encontro a escrever e se formos dar uma volta, verificamos que as vozes pertencem aos mais pequenos que andam a satisfazer a sede dos grameados e das plantas dos nossos jardins, acarretando e despejando latas de água fresca.

— Ó «Patinho», tragam água p'ra ferrar o motor!

Foi o Zé que passou e falou assim para o chefe dos mais pequenos. O motor tira a água do poço e o Zé vai regar tomateiros, pepínos e feijoeiros que nos dão generosamente (quero dizer em abundância) os respectivos frutos para as nossas refeições.

Prosseguindo na nossa volta vemos um que, ignorando o tempo, cava e amanhã a terra onde irão ser lançadas sementes de almeirão, al-

face que apreciaremos durante o Inverno.

Vamos continuar e parar junto do milheiral.

Era para aqui que me encaminhava com um grupo a fim de despontarmos o que faltava para que todos os pés de milho ficassem sem pontas quando me chamaram à presença do sr. Padre Horácio. Tinha havido um telefonema pelo qual nos informavam de que era preciso darmos sinal de vida. Era necessário dar a conhecer algo do que fazemos e como vivemos estes meses de férias.

Assim, nada melhor do que escrever para o nosso O GAIATO e levar-vos a dar uma voltinha pela nossa vida, pela nossa quinta, pela nossa e, quando quiserdes, também vossa casa.

Já íamos na terra do milho. Uma pequena parte ainda tem bandeiras e é lá que notamos movimento. Movimento de um grupo, onde eu também havia d'estar: uns cortam as pontas e colocam-nas aos braçados em regos que se utilizaram para a rega e outros que por trás destes amarram braçados e as transportam para o atrelado do tratorzito que, por sua vez, é conduzido pelo Abílio para uma terra soalheira, onde estas pontas verdes ficarão espalhadas até que sequem por completo, para, quando forem recolhidas nos palheiros, devidamente atadas aos molhos, não apodreçam e constituam um bom alimento para o gado.

Demos graças a Deus. Este ano também temos grandes e boas espigas. Esperemos que o tempo não se torne desfavorável para que possamos aproveitar toda a palha e depois para que os grãos de milho venham a secar como deve ser. A trepar pelos milheiros também temos muito feijão e algumas aboboreiras.

Foi nesta terra que empregámos muitas horas da nossa vida, muitas horas de trabalho nosso.

É nesta terra e noutras, é nas nossas oficinas e na vida da nossa Casa, e é se a queremos ter, que vamos continuar a empregar muitas horas de trabalho nosso e muitas horas da nossa vida.

Benjamim

Azurara

Com o termo do quarto turno, acabaram-se as férias na praia e, com elas, o fim das preocupações, em que tudo se altera, com mudanças de postos de trabalho, sobrecarregamento de trabalho para os que ficam, enfim, diversos problemas de que, no fundo, todos (quase, pois há os castigados) saem beneficiados, gozando 18 dias, que tão bem nos fazem, mas que nem todos se apercebem disso.

Sómente os vendedores de O GAIATO passaram mais uma semana, pensando os dias que perderam aquando da sua estadia na praia; dias, esses que foram inferiores aos que eles passaram agora. Os restantes são uma recompensa pelo seu esforço ao longo das quinzenas.

A este turno bem se pode aplicar o termo aplicado à Casa do Gaiato: «Desorganização organizada». Havia dois rapazes que tratavam do problema da manutenção do dinheiro, para comprar o que de Paço de Sousa não ia (e que não era pouco). Para ser mais preciso, iam para Azurara algumas coisas que não pedíamos e o que pedíamos nem sempre ia. Ninguém vigiava ninguém, e para isso bem contribuimos nós, os

mais velhos, pois desde o início tudo fizemos para facilitar a vida aos mais pequenos e para que nós próprios a tivéssemos facilitada. Reinou uma boa camaradagem (salvo alguma excepção). Os rapazes que orientaram o turno não tiveram problemas. Enfim, todos nós fomos iguais a nós próprios, o que é bem difícil hoje em dia.

Quando vamos para Azurara, uma das coisas que desejamos é ter bom tempo. Este ano, o quarto turno não foi muito feliz.

Depois de dois anos de ausência, os nossos rapazes de Beire voltaram a fazer férias em Azurara, só que, desta vez, divididos por todos os turnos.

As relações entre gaiatos de Paço de Sousa e gaiatos de Beire foram as melhores. No geral conseguimos uma maior aproximação entre uns e outros. E podemos dizer que o objectivo pretendido foi alcançado.

Morgado

Setúbal

FEIJÃO FRADE — Não se pode dizer que a monda do feijão frade foi fácil!

Trabalhámos com vontade de vencer a tarefa. Trabalhar ao sol custa um bocado, mas... todos animados por uma canção ou por um copo d'água fresca seguimos sempre em frente. Até que o sr. Padre José Maria nos disse: «Temos de acabar o feijão, hoje!»

Dito e feito. Com a ajuda de pequenos e grandes, e a preciosa ajuda do sr. Padre José Maria, acabámos.

Foi mais um problema resolvido com a boa vontade de todos.

Uma semana depois fomos ver como estava o feijão. E ficámos admirados como ele cresceu rapidamente. Alguns diziam: «Temos feijão!» E logo o Bernardo retorquiu, com resposta pronta: «Temos. Mas ainda está verde...»

Compreenderam que o feijão é para a comunidade.

E seguimos para a casa-mãe todos contentes, pensando noutro problema mais grave e com vontade de nos desfazermos dele rapidamente.

Garrote

Tojal

Tal como prometi, há alguns números atrás, aqui está a transcrição de parte das palavras de Pai Américo ouvidas durante as nossas Festas, na sua própria voz, com um timbre único, sempre fulgurante, cheia de vida e de força, destemida e objectiva. Que não só denuncia mas também, sobretudo, aponta caminhos de solução. Assim os homens a quisessem ouvir.

A minha intenção ao trazer aqui estas palavras não é tecer elogios pessoais para «alegrar» a Sua pessoa e vós lerdos. Seria deslante da minha parte enveredar por tal caminho. Se tivesse a presunção de que seria capaz de o fazer, dificilmente me livraria de uma certa hipocrisia (mesmo inconsciente). Não é tarefa

fácil para os melhores, muito menos para um jovem como é o meu caso.

Ao fazê-lo quero simplesmente alargar o conhecimento destas palavras que não estão contidas textualmente nos seus livros, e pôr diante de todos os Amigos um pequeno texto, grande em conteúdo. Palavras a que só Pai Américo era capaz de dar sentido, só Ele seria capaz de proferir.

Aqui estão:

«Os médicos dizem... Eles sabem a ciência deles. Mas há outra ciência que o Mundo não conhece. Ou se conhece não sabe decifrar. Ou se decifra interiormente, não sabe explicar. É a doença do Amor! Mata. Eu sei que mata. Mata. É pelo coração que se realizam as obras que apaixonam. Nem é com dinheiro, nem é com prestígio, nem é com política, muito menos com decretos, com discursos, com leis. Tudo isso fenece.

É o coração que cria apaixonantes, em obras apaixonadas porque ditadas por uma paixão. E quando essa paixão tem por base uma causa superior e quando essa causa superior é a suprema, a causa incausada, então a paixão mais do que matar arrasta vivos. Arrasta vivos, seduzidos, apaixonados.»

Permitam-me, agora que vos dei a conhecer o texto, que desabafe um pouco convosco levado pela reflexão do mesmo e pelas circunstâncias da vida do momento.

Compreendo e aceito estas palavras. Mas se me perguntarem se serei capaz de levar à prática «obras apaixonadas ditadas por uma paixão», impulsionadas por uma «doença» como a que é referida no texto, direi que sim, com certas reticências. Direi que acredito ser capaz (todos poderemos ser capazes) embora não seja nada fácil. Requer-se tempo e maturidade bastante para distinguir tudo aquilo que fenece. Força interior e a convicção lúcida de que esta vida é um curto «estágio» para outra Vida. Tudo isto me falta. Apesar disso quero continuar a acreditar que serei capaz de pôr os pés ao caminho ainda que seja para andar só uma milionésima parte.

Vivendo e sentindo-me numa Instituição cuja origem vem do Alto; que existe para os Outros e é alimentada ou vive daqueles que têm o sentido dos Outros; que diariamente realiza a sementeira da Parábola do Semeador; onde há uma constante advertência contra o mal e o incen-

tivo para o «segue sempre por bom caminho», vejo-me na obrigação de fazer algo para tentar ajudar a levantar os mais necessitados, os desamparados, os mais fracos que eu, neste País onde as dificuldades são cada vez maiores, na nossa própria Casa.

Peço licença para vos convidar todos à luta. E peço licença porque os que me conhecem sabem que tenho sido sempre mais ou menos frágil em resistir ao desânimo. Alguns mesmo já não acreditam nas minhas ideias e vontades...

A esses e a todos vós eu convido a prestarem um pouco de atenção às palavras de Pai Américo.

A todos eu peço que olvidem as conversas e facilidades de certos homens públicos. Que ignorem os períodos extra-longos onde se gasta tempo e saliva expondo ideologias pseudo-libertadoras. Libertaram-se uns, oprimiram-se outros...

Atravessamos um período de muita agitação. Enquanto uns procuram seriamente, e com espírito de sacrifício, levantar alguma coisa e evitar a derrocada completa, outros persistem em pôr entraves ao esforço dos primeiros e acusam-nos de caprichosos. Arvoram serem os bons, os iluminados para dirigir, os insubstituíveis. Consideram que as crises são todas passageiras (mas não cessam de passar). Optimistas sem convicção, mostram os frutos da sua administração. Os falhanços tornaram-se regra. Não há fórmulas capazes... já não referindo decretos e leis que não se cumprem ou têm sequência.

De um lado a montanha gera ratos, mas de outro nem formigas saem. Ai se as pessoas dessem menos atenção àquilo que fenece e olhassem para o que fica. Que bom seria!

Directa ou indirectamente, como «o mar bate na rocha...», uma grande parcela da população portuguesa vê piorar ainda mais as suas condições de vida. E se tudo começa pelas dificuldades económicas, rapidamente outros campos são atingidos. A atestar o que acabo de dizer está a assiduidade cada vez maior de pedidos às nossas Casas. Cada vez se caminha pior e cada vez, infelizmente, é a Obra mais necessária.

«Escrevi um dia a Pai Américo: — «Decerto não te chocaria a hipotese (...de sonhador) de as Casas do Gaiato não serem necessárias. Creio que, então sim, sentirias o teu coração repleto de alegria. O nosso também!...»

Jorge

Setúbal

● Estou a escrever da praia.

Os nossos estão acampados ali perto. Eu vim passar um domingo fora do bulício deles.

O Chico, que é um dos vendedores de O GAIATO, passou aqui, por esta sombra, e deu-me notícia de que ele mai-lo «Vila Real» andavam a vender o «Famoso» aqui no Portinho da Arrábida. Até aqui nada que me inspirasse nem que me fizesse «subir os azeites», pois estava a querer pensar fundo em nossa próxima Festa, p'ra ver se aproveitamos tudo p'ra chegar à hora e termos Festa pr'os nossos amigos não

nos chamarem preguiçosos.

Pois eu não começaria este «Setúbal» se não aparecesse depois o Chico mai-lo «Vila Real», este com os jornais abraçados com gosto, como quem tem ali um tesouro. Ele não tem sido vendedor e achei um nadinha estranho andar com os jornais enquanto que o Chico andava com dois sacos de plástico: um com o dinheiro e outro com lambarices. Ora, se não fosse o aparecimento do «Vila Real», tudo ficaria sem importância, e eu mesmo sem

Cont. na 4.ª pág.

A G O R A

Cont. da 1.ª pág.

senti uma necessidade enorme de dizer «presente» e, assim, junto envio 1.000\$, pequenina ajuda para os casos ali referidos. Deste modo, o Senhor deparou-me maneira de testemunhar a Pai Américo, quase na data em que se comemora os 22 anos da sua ida para o Céu, a minha gratidão pelo bem que de há muitos anos, e cada vez mais, tem feito à minha alma, sendo, pois, uma homenagem muito insignificante mas muito sincera de uma portuense qualquer»

Ela é legenda e resumo de tantas mensagens semelhantes que não há espaço para publicar. De resto, mal o referido jornal de 15 de Julho safou para a rua, logo principiou o corropio: Um médico de Balhar com 1.000\$. Duzentos de «alguém». Dois contos de um Professor de Lisboa que se não cansa de inventar motivos para aparecer.

Do mealheiro do Teatro Sá da Bandeira, 75 contos. Mais 53 da Festa em Aveiro. À do Coliseu — bilheteiras e capas — demos-lhe o mesmo destino: à beirinha dos 160 contos. Entre os recados deixados nas capas, este que, naturalmente, nos conforta: «Junto 1.000\$ de uma promessa. Que Deus o acompanhe sempre, como aos seus colaboradores. Deus é sempre uma Presença Viva. Seja louvado N. S. Jesus Cristo. Um ex-gaiato».

Vamos agora aos Pessoais. Quando não sou eu a ver o correio, encontro o apontamento de referência: Electricidade de Portugal. Eu vou por uma verdade mais exacta: o Pessoal da ex-HICA somou nestes meses últimos 4.742\$90. Se a HICA não fosse ex, a Administração empatava com o seu Pessoal. Agora, grande nau, grande tormenta.

Mais o Pessoal da Caixa Têxtil: 4.407\$50. Mais os de todas as horas. J. P. R., no Lar, com 2.500\$ em cinco vezes. M. M.-A. L., duas vezes 1.000\$. Berta e Jorge outras tantas vezes 100\$. E mais 500\$ no Lar, de letra bem conhecida, mas o dono dela só Deus conhece. Feliz! E outro tanto de Cruz, que foi da Beira e agora é da Figueira da Foz.

Velhas referências de nomes: Casa de N.ª S.ª do Carmo: 500\$. Uma presença certa há 22 anos, à volta de 16 de Julho. A 4.ª prestação de 300\$ de um Coronel e Família. Outra vez 500\$ para a Casa do Licenciado («da qual nunca mais ouvi falar, prova da nossa ingratidão»). Este nosso Amigo de Algés é o último abencerragem desta nobre ideia nesta terra de doutores. Do Porto, 15 contos e «continuo em dívida até quando Deus quiser, para com todos os que não têm um lar. São de pe-

quenos sacrifícios e renúncias, tirados do meu ordenado e outros trabalhos». Outro feliz! «Duas gotinhas de 200\$» para a Casa de S. Filomena. E, «em continuação do começado o ano passado, mais umas pedrinhas (5 contos) que espero o Senhor aceite por alma de meu marido».

Pelo «Papagaio» (deve ser da Póvoa), 500\$ e esta saudação tão familiar e saborosa: «Estimo que gozem todos de boa saúde, o sr. Pe. e toda essa malinha que Deus lhe confiou».

«Em sufrágio de minha tia Laurinda, 2.000\$ para qualquer necessidade mais urgente.» Sempre que nos é dado a escolher e a nossa vida o permite, os desvios destas verbas são sempre para telhados. Quinhentos, parte de um vale de Ranholas — Sintra; outro tanto de Lisboa, da Assinante 27009; e o mesmo de Santarém do Assinante 23541. Cem da Rua do Rio — Porto. Cinco contos da R. Azevedo Coutinho — Porto e «Deus permita que possa continuar é com migalhas maiores». Ora aqui está um bom desejo. E o principal não está nas «migalhas maiores», mas no «continuar» «com o desejo que me despertou o que li no último GALATO. (É ainda o referido n.º de 15 de Julho).

Mais 1.000\$ de um José António, de Setúbal. Dez vezes menos de Lisboa e «que a vossa Obra continue sempre abençoada por Deus».

«Na impossibilidade de ter assistido à vossa Festa no Coliseu, junto 100\$ que seria o preço do bilhete e outros 100\$ que depositaria nas capas — Zé Ninguém.»

De um velho Professor universitário que gasta o ano e a sua reforma a repartir, 5 contos. Três, de Maria Madalena, de Lisboa, com outro tanto para outros fins. Da Maria Ana e Pedro, mais 500\$. O mesmo de Lorrão. Mil e duzentos de Maria Teresa, da Praceta de Quelimane — Oeiras. Menos 200\$ da Emília Pinto. Quinhentos e setenta de outra Madalena, esta da Rua da Friagem — Porto. Mais 1.000\$ (e 500\$ pró Calvário): «Este dinheiro estava perdido. Decidi por isso perdê-lo definitivamente... mas para ganhá-lo». Com legendas assim, tiradas do Evangelho, como não há-de os Leitores tropeçar apaixonadamente nas linhas do «Famoso»?

Agora 13 contos de Bragança, «neste dia de aniversário da 1.ª aparição de N. Senhora em Fátima. Já foi colocada no Altar de Deus e confio que seja aceite com agrado por Aquele que tudo nos concede». E com esta quantia muitas outras coisas úteis arranjadas por lá. Mais recentemente, em visita a nossa Casa, mais 3.000\$. A bênção e a fecundidade dos Humildes!

Do Liceu D. Maria II em Braga, 120\$, «resto da última homenagem a um Professor». Mil em resposta a um apelo do Pe. Moura num dos seus «Partilhando». Igual quantia da Odete, de Oliveira do Hospital. Vale de 2.000\$ de Graziella. No Tojal, 5.000\$ de Mafalda e mais 1.000\$, não sei de quem. Oitocentos da Assinante 8492. 200\$ de outra Assinante do Porto. «Uma pedrinha de 1.000\$» Metade de uma Maria com 92 anos. Dez vezes mais de Ana, de Gaia.

Este recado, de Almada:

«Deus queira que a prosperidade da Obra do Pai Américo se propague pela consciência daqueles que, preocupados apenas com as competições pelo poder, não se querem preocupar com a miséria que cada dia vão gerando e aumentando.

Dentro deste circunstancialismo a Obra do Pai Américo cada vez se torna mais imprescindível.

Esperançado de que um dia a Santa Justiça de Deus triunfará sobre a nefanda «justiça» dos homens que criam e ampliam no dia-a-dia as condições desumanas que exigem cada vez mais a existência da Obra do Pai Américo e, impregnado do amor que à mesma me funde desde que a conheci, envio o cheque de 3.000\$ a fim de procurar atenuar um pouco o sofrimento de alguns que não têm culpa do que sofrem.»

E este, de Lisboa:

«Junto envio um cheque de 1.100\$. Cem escudos serão para o pagamento da minha assinatura do vosso jornal que desde há muitos anos me dá tantos instantes de reflexão e de paz. Paz que tanta falta faz na minha vida.

Os outros 1.000\$ serão para ajudar a tapar o «buraco» que de momento oferecer mais necessidade: uma telha; um remédio para um doente; uma tecla para um instrumento...

Em troca — perdoem-me o sentimento interessado, mas eu preciso tanto! — em troca uma oração por alguém que tenha fé, a fé que eu já não tenho. Uma oração pela paz do meu lar; se ainda é possível.

Uma oração para que os meus filhos que tanto adoro não sejam tão pobres. Não de dinheiro, mas de harmonia, de esperança.»

Trezentos da Av. Madrid em Lisboa. Mil do Emídio, da Rua António Aroso. Outro tanto de Gaia (A letra é conhecida..., mas mais nada!). Aveiro com 2.000\$ e um testemunho que o espaço não permite aqui deixar. De Santarém, duas irmãs, 500\$. De L. A., 300\$. Mil de Odeáxere — Lagos e o dobro de Lucinda, de Paço de Arcos. Vila Viçosa, um sacerdote: «Acabo de receber um subsídio com que não contava; por

isso, agradecendo a Deus, envio uma parte para os nossos Irmãos mais pobres». Foram 1.000\$.

Um salto a Viseu de onde Maria da Glória e António se não cansam de marcar presença: Mil, uma vez e dez vezes mais, outra. E das legendas que acompanham estes donativos, quem é capaz de falar?! Outro salto a Vilar Formoso: 500\$ além dos habituais cem de todos os meses. De Murça 500\$; e igual soma de Santa Cruz do Douro.

Voltemos ao litoral. Espinho:

«Como assinante de O GALATO há muitos anos, vou tomando conhecimento dos casos de necessidade que ides apontando e enviando de vez em quando algumas migalhas.

E como falámos nestes casos às nossas vizinhas, dando-lhes a ler O GALATO, elas também quiseram ajudar.

Por isso remeto um cheque de 2.500\$»

E, de novo, no Porto: 500\$ da Rua Oliveira Monteiro; o mesmo da Rua Firmeza e da Foz; 100\$ do Carvalhido; 500\$ de Valongo e «espero repetir esta dose no mês que vem». Quatro mil (e mais 6.000\$ para outros fins) do Assinante 32590; 200\$ de uma «amiga muito sincera»; e 300\$ de «Dois irmãos unidos».

Do Livramento, 300\$; de Fiães, 500\$; o dobro de Alcochete de «uma Mãe agradecida a Jesus»; o mesmo de

Coimbra, da Rua Infanta D. Maria. Dois mil das «filhas da Assinante n.º 10737 e suas continuadoras».

E fechamos com esta partilha, de uma belíssima comunidade conjugal:

«Fizemos em 2 de Junho as «bodas de prata». Com a graça de Deus e agradecendo o que nos tem dado.

Mas O GALATO é uma constante inquietação e um dia surgiu-me a ideia de festejar estas «bodas de prata» com a dívida de 25.000\$ para o Património dos Pobres e foi germinando e logo que meu marido dispôs de mais dinheiro e me pagou o que devia do meu trabalho, falei-lhe nisso, concorreu e aqui estamos para a ajuda de paredes ou telhas dos que não podem construir sózinhos e mais 5.000\$ para o mesmo fim, mas com intenção de ir para uma nunca construída casa do Fernando e da Manuela que há muitos anos pensamos que se construiria, no princípio de casados!

Peco, se for possível, dizer-me quanto já foi para a casa Fernando e Manuela, senão paciência, mandarei mais quando puder, pois sinto-me sempre em dívida. O dinheiro que tenho mandado é sempre metade meu, metade de meu marido, ganho por cada um.

Os nossos cumprimentos amigos e agradecidos pelo bem que O GALATO nos faz.»

Padre Carlos

Setúbal

Cont. da 3.ª pág.

tema para começar a dar-te «semente» caseira para que possamos semear olhando ao tempo que para nós é sempre actual, mas para quem anda arredo da Vida cheira a tradições e não sei que mais.

«Vila Real» veio queixar-se, e, para ele novidade, disse que um homem novo lhe pagou o jornal e depois o rasgou. Ouvindo a queixa, senti-me na idade dele, o que a Obra e o jornal eram para mim. Confortei-o com a minha experiência de vendedor. Disse-lhe das vezes que O GALATO foi rasgado e das injúrias que recebeu por via de ser um padre o seu fundador. Naquele tempo eu não sabia explicar o que hoje disse ao «Vila Real» e ao Chico. Incitei-os a refilar e a não aceitar o dinheiro de quem lhes mostrar gestos como aqueles. Eles não são pedintes. Eles são operários e mensageiros

duma verdade ainda muito escondida, um brado que custa ouvir, porque mostra o nu e o cru duma sociedade que cada vez mais se afunda por via dos seus indivíduos puxarem interesses que só a cada um dizem respeito. E ele há para aí muita gente a apregoar a fraternidade como se essa palavra quisesse dizer egoísmo.

Eles, O GALATO mai-lo seu portador, hão-de ser — como sempre — os desordeiros, os contraditores, por amor da justiça e da verdade que alguns buscam, e outros querem pisar porque as chagas às vezes aterronizam ao vê-las, e nós fugimos sempre das dones dos outros.

Felizmente que tanto o jornal como os vendedores são a oração de muitos que buscam forças para esta peregrinação.

Ernesto Pinto



Gaiato

Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa